

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.



Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de P. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se obseve a 40000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Uma das grandes maximas, que nestes nossos tempos tem feito fortuna, por que suas palavras fazem coegas nos ouvidos, é que o governo deve caminhar com a nação. Homens instruidos, homens de siso, homens de bem, perguntados p-los remedios a dar aos males publicos, respondem com toda a sinceridade: o governo deve caminhar com a nação; o governo não quer, e por isso as cousas vão de mal a peor. E com tudo, esta doutrina dita assim em absoluto, é falsa, é perigosissima, é causa de erros incalculaveis.

O governo deve acompanhar a nação, quer dizer o mesmissimo que a nação governa, e que o governo seja governado: quer dizer, que a nação ande com os pés para cima e a cabeça para baixo. O governo foi feito para governar; e quem governa não deve acompanhar, deve ser acompanhado.

A nação depende absolutamente do governo. Podem haver circumstancias extraordinarias, que arrastem governo e nação; e então todos são subjugados: mas em tempos ordinarios, uma nação é o que o governo a fez. *Um rei forte faz forte a fraca gente?* E quando dizemos governo, não entendemos este ou aquelle ministerio, este ou aquelle poder; entendemos os poderes supremos do Estado, entendemos o ente moral governo; por que bem pôde acontecer, e ordinariamente assim é que os phenomenos apparecem depois das causas: um governo pôde não ter culpa do que fizeram seus antecessores, e recebe a nação no estado, em que lh'a legaram.

Quando é que o governo deve acompanhar a nação? Em tempos tranquilllos, quando todos obedecem respeitosa-mente, e as leis são cumpridas á risca? Então, não; por que então é a nação, que acompanha o governo. O governo diz-se que deve acompanhar a nação nos tempos das discordias, das commoções, das guerras civis: quando por toda a parte ha resistencia, quando as ordens mais justas são desobedecidas, quando se não faz caso das leis: é então que se applica o remedio: o governo deve acompanhar a nação. Mas onde está então a nação? em cada um dos individuos? Esta maxima traduzida na sua verdadeira significação, quer dizer — *o governo deve pensar como eu penso: deve consultar-me, e fazer o que lhe eu disser.* — Por que a nação então é cada um. E se o governo quizesse nesse caso pôr a maxima em pratica, teria de submittirse á alguma facção, que

disporia delle em seu proveito. A emenda seria peor que o soneto.

Mas nós dissemos, que a maxima tomada em absoluto é falsa e perigosa; por tanto deixámos entrever, que ha circumstancias, em que pôde ser verdadeira. Com effeito as ha: ou antes a maxima é verdadeira, se se lhe der a sua verdadeira intelligencia.

O governo deve estular a nação; deve conhecê-la a fim de conhecer o seu genio, o seu character, os seus costumes, os seus recursos, as suas necessidades. Seguindo o conhecimento, que tiver, deve formar o seu systema. E este systema deve ser em conformidade com o bem da nação. Neste sentido, explicada deste modo, nada ha mais verdadeiro: o governo então deve acompanhar a nação: deve traçar-lhe o caminho, por onde ella deve dirigir; e depois de traçado deve acompanhá-la: não a deve abandonar; deve vigiar, que não se afaste ella para algum dos lados; se se afastar deve cuidar immediatamente em trazê-la ao rego; mas o governo sempre na frente, nunca na retaguarda; por que se se deixar atraz, então quando quizer acudir, será tarde.

O governo é o conductor: é o que sabe o caminho; por que os mais, por via de regra, não tem os mesmos dados, e por consequencia os mesmos conhecimentos. O conductor é, que deve avisar dos perigos, dos atoleiros, e precipicios do caminho: se ficou atraz, é culpado de desastres, que acontecem na frente. De modo, que em todo o caso vai sempre na frente.

Desgraçado do povo, que em estado de commoção vê seu governo encostar-se para um dos lados, e deixar-se subjugar: em breve acontecerá o que nos aconteceu em 1840: haverá vencedores e vencidos, conquistadores, e conquistados.

E' verdade, que o meio que propomos não é o de ganhar cedo popularidade: de vêr seu nome levado ás nuvens pelos periodicos da facção, a que o governo se ligar, e amaldiçoado pelos do outro lado; mas as verdadeiras popularidades, as popularidades immortaes, não se ganham assim facilmente; só se adquirem depois de muitos trabalhos e maldições.

A historia dos governos, que para marchar com a nação se tem posto á mercê das facções é muito conhecida: todos são ephemeros; todos em poucos dias baquearão cobertos de execrações: muitas vezes esses que mais trabalharam pela popularidade são os primeiros que no cadafalso expiram seus crimes. Bailly foi talvez o ho-

meu mais virtuoso da revelação franceza; o nome de Bailly foi o mais popular; mas essa popularidade custou-lhe caro. E caro custou a Luiz XVI não ter uma marcha firme no começo da revolução. Jorge III viu as facções quererem dominar a Inglaterra; viu Fox e North ligados contra Pitt para o expellirem do ministerio, e uma grande maioria no parlamento contra o joven ministro; mas Jorge III sustentou o ministro: e o resultado foi, que a Inglaterra triumphou de todo o poder de Napoleão. O governo governa, a nação é governada.

O JURY.

Ahi se acha reunido o jury da côrte para decidir a sorte dos criminosos: quer dizer: ahi se acha reunido um tribunal defeituoso, de que summamente se tem abusado, para (a julgar pelo que outras vezes se tem feito) a seu prazer dar sentenças, sem que lhe importe Deos, nem a lei. A constituição disse, que o imperador é inviolavel e sagrado; mas não lhe tirou a responsabilidade moral: o codigo do processo estabeleceu o jury, de modo, que os jurados nem tem responsabilidade legal nem moral! Um tribunal sem responsabilidade! tribunal, onde se decide nada menos, que da vida dos homens! Pôde parecer absurdo, mas ahi existe.

O jury poderá ser cousa vantajosa; mas as nações, que o tem adoptado se queixam d'elle; e entre nós tem produzido amargos fructos. Montesquieu e Voltaire espalharam na Europa uma admiração cega por tudo quanto era inglez: as nações da Europa quizeram moldar-se pela ingleza; mas, sem os costumes inglezes foram buscar o peor, que tinham esses insulares, e deixaram o melhor. Quizeram o jury, entre tanto que os inglezes se queixam do jury, entre tanto que tratam de o restringir. E, se ainda nosso jury fosse como o inglez? se tivéssemos o jury especial? porem não: temos só o jury geral, ao qual são submettidas todas as questões.

E' o juizo dos pares: negamos isso: pôde sel-o algumas vezes, mas quasi nunca o é. Quando o jury julga um escravo é juizo de pares? quando o jury geral julga um delicto professional, é juizo de pares? Estas palavras são ouro para dourar pilulas: mas nellas se esconde o amargo; e que amargo!

Um réo, que tem tres dias para preparar a sua defeza, e que depois é julgado em um só dia! E se tiver documentos a extrahir? e se tiver testemunhas de longe? nada importa: o jury não se levanta sem o julgamento concluido. Um réo, a quem não é communicado mais que o nome das testemunhas da formação da culpa, e nada mais; contra o qual se podem apresentar no acto do julgamento documentos, que nunca visse.

E por outro lado um tribunal, que cada qual pôde fazer organizar á sua vontade, chamando para o compor as pessoas, que quizer! E ainda depois o recurso de regeitar a terça parte do tribunal!

Será tudo quanto quizerem: porem tribunal regular, nunca nos digam que é. Qual é o réo de alguma importancia que ahi tem sido condemnado? Viu-se uma mulher que em uma sessão foi condemnada á morte, na immediata foi condemnada a seis annos de prisão! Filhos, que dão tiros em seus pais, são mandados livres para suas casas: thesoureiros, cujos cofres se acharam não conter as sommas, que deviam conter, todos absolvidos... Mas, para que particularisar? Um só criminoso de importancia ainda não foi condemnado pelo jury. Pois de

tantos réos, que em dez annos tem sido julgados pelo jury no Brasil, ainda contra nem-um houve prova?

Uma das mais forte, talvez a mais fortes das seguranças da rectidão dos julgamentos, é a responsabilidade do jury perante a opinião publica: mas o jury não tem essa responsabilidade: o jury são todos, e por consequencia não é ninguém. Quem foram os juizes, que absolveram o calumpniador do Dr. Azevedo? De doze foram sete; mas nem mais se sabe quem foram os doze e muito menos os sete.

Algumas sessões tem apparecido melhores que outras: oxalá que a actual administre recta justiça: a sociedade tem nisso o maior interesse. Mas, se proceder como as antecedentes, não nos queixaremos della; o vicio vem de longe. Primeiramente está em nós mesmos: mais de vinte annos de commoções politicas, necessariamente tem introduzido uma desmoralisação geral: pôde dizer-se, que todos temos sido amigos e inimigos. Como podemos ser juizes? O vicio está na maneira por que organisaram o tribunal. E se não é possível outra melhor organisação, então o vicio está na mesma instituição: então deitmol-a fóra.

Pares! juizo de pares! pois o juiz, que condemna é igual ao réo, que é condemnado? pois o homem, que se senta no banco dos juizes, e que por consequencia deve ser um homem bom, é igual ao homem, que se senta no banco dos réos, e que por consequencia tem contra si vehementes suspeitas de crime? Irrisão! irrisão! palavras sonoras, palavras magicas, corno de Oberon, que tanto nos tem feito dançar e contradançar, e que a final nos deixa fatigados, e fatigados de modo, que talvez não possamos resarcir as forças perdidas.

Repetimos ainda: talvez, cremos mesmo, que o jury pôde ser de outro modo organizado; mas pelo actual não pôde produzir beneficios. E a prova ahi está escripta com letras bem terriveis em toda a superficie do Brasil.

AUGMENTO DE BRAÇOS.

Braços! eis o grito do Brasil; esses vastos campos, essas matas impenetraveis, essas alcantallidas serras, esses immensos rios, todos a uma voz clamam por braços, que os venham rotar e domar, a fim de fazer deste nascente imperio uma nação sem igual. Não pedem palavras, que as palavras soltas o vento as leva, as escriptas, o papel rasga-se, calca-se aos pés, e o effeito é a perturbação geral da ordem social: pedem administração intelligente, activa, energica; pedem braços, por que estes é que abrem o seio da terra, e a fecundam. As palavras!.. as palavras esterilizam-a. Em quanto se disputa sobre palavras, e por palavras, a terra jaz inculca, o rio corre indomado: as palavras são o vento quente do norte, que por onde passa abrasa tudo.

Grande serviço pois ao Brasil é a introdução de braços, é o augmento delles; é a sua multiplicação: por que ha meios de multiplicar os braços; ha meios de fazer com que dous braços, sejam quatro, seis, oito, vinte, cincoenta. Em todas as partes do mundo se reputa como mercador da patria aquelle, que multiplica as forças; e se isto acontece ainda nos paizes, que regorgitam de gente, que diremos nós neste immenso Brasil, onde tantas leguas se andam sem encontrar rosto humano?

Ha dous meios de multiplicar os braços: um é por meio das machinas, outro pela facilidade das vias de communicação.

Todos dados á lavoura, nossa industria é ainda muito mesquinha para poder admitir as machinas em grande escala; e na agricultura com quanto muitas machinas tenham uso, todavia não é ali que principalmente brilham. E com tudo nossos lavradores muito deveriam attender a esta especie. Na deficiencia de homens, em que nos vamos achando, muito preciso seria, que o serviço dos actuaes podesse ser multiplicado. Ha processos admittidos em todas as partes do mundo, que entre nós pouco, quasi nem um uso tem. Por que razão não é vulgar entre nós o uso da charrua e do arado? O lavrador, que limpasse seus terrenos, e o preparasse para poder ser lavrado, em bem poucos annos colheria fructo do seu trabalho: a mesma terra lhe poderia dar todos os annos novas colheitas, sem que fosse necessario cada anno mudar de terras para plantio. Compre-se um arado e uma ou duas juntas de bois: faça-se lavar: examine-se o seu trabalho no fim de um dia; e veja-se quantos pretos seriam precisos para fazer o mesmo trabalho. Só os alimentos dos pretos no fim de um mez teriam bastado para a compra dos bois e do arado, e ainda ficaria. E de que uso não podem ser os bois? para quasi tudo o que podem servir os pretos.

Dizem que nossas terras ainda ha pouco tempo incul-tas, não se prestam ao arado: e por que? por que muitas raizes obstruem o terreno? pois arranquem-se. Os outros paizes do globo tambem algum dia foram incul-tos; cada dia se estão roteando terras novas; e todas se cultivam sem a força bruta, que aqui empregamos. Para tirar essas raizes ha um agente poderoso: é o fogo: ha o machado: não o machado movido por mãos, porem o machado movido por machina; um ferro cortante sobre o ceppo, e a elle applicada grande força por qualquer dos meios conhecidos. Resta apenas o trabalho de fazer uma excavação om roda.

Mas dir-me-hão, que no anno seguinte é necessario repetir a mesma operação em outro lugar; e eu direi, que não: que se faça o plantio no mesmo lugar. Se a terra estiver cançada, estrume-se. O carro, que serve para conduzir para o celeiro o producto da lavoura, serve para levar o estrume: o boi, que serve para puchar esse carro, serve para puchar o arado; e serve ainda mais para preparar o estrume.

A nossa grande arte consiste em derrubar, queimar, e depois lançar a semente á terra: deixal-a á sua vontade, e ir colher o fructo quando está sazonado. Assim fazem os selvagens: nada temos adiantado delles. Qual é o lavrador, que rega seus campos? Pois a rega é um dos meios mais poderosos de fertilisar a terra. Rara é a fazenda, sitio, roça, chacara, ou qualquer que seja o seu nome, que não seja abundantissimo de aguas: mas qual é o lavrador, que as aproveita para rega? Uma plantação de cafés, que acaba de soffrer um dia destes, que vão passando, se tivesse por junto de suas raizes uma pouca d'agua; que o refrescasse, não resistiria muito mais? Não é a rega de regador, que tambem os ha artificiaes, que poderiam ser applicados em caso de necessidade: é o rego d'agua conduzido por entre a plantação, espalhado pela superficie, em que esta se acha. Assim como a plantação é em grande, é preciso que a rega tambem seja em ponto grande.

Não estamos dando lições de lavoura: não somos pratico nella, e por consequencia poderiamos dizer muita parvoice. Lembra-nos de um sabio de Paris, que escre-

vendo sobre agricultura, disse que as vacas tem 12 mezes de gestação, e outras semelhantes barbaridades: não queremos cahir no mesmo defeito: sómente queremos lembrar a nossos lavradores a necessidade de melhorar seus processos, a fim de obterem os mesmos productos com menos emprego de braços; ou o que vale o mesmo, a fim de multiplicarem os braços, que tem. A escravidão vai-se acabando: ha trinta annos comprava-se por cem mil réis um moleque de 13 a 15 annos; hoje vale seiscentos mil réis, e não ha mercado, onde se vá procurar.

As assembléas provinciaes e camaras municipaes devem muito vigiar sobre este objecto. Em vez de discussões sobre matérias, que não são da sua competencia, seria melhor, que para este e outros objectos de igual interesse, volvessem as suas vistas. Premios deveriam ser dados á aquelle, que apresentasse melhores productos, á aquelle que apresentasse um melhoramento na raça dos animaes domesticos; a quem, de nossas inúmeras produções vegetaes demonstrasse quaes as que mais aproveitariam como alimentos, já absolutamente, já segundo as estações, e os gados. As camaras municipaes e assembléas provinciaes tem rendas, de que dispõem; as que fossem applicadas para este fim, não seriam improductivas.

Em quanto o café superior é vendido hoje, quando muito a 3\$000 rs., ha café vendido aqui mesmo no Rio de Janeiro a 5\$000 e 5\$500: a razão é clarissima; é pela sua excellente qualidade. Um premio dado a quem melhor e maior quantidade, fosse embora de 10 ou 12 contos de rs., não ficaria logo compensado com o augmento da porcentagem, que teria de pagar? E o que acontece com o café, acontece com todos os outros generos. Nossos lavradores são muito inclinados a querer grande colheita, embora o preço seja menor: é um engano, de que é preciso tiral-os. Alguns generos de nossa producção tem deixado de ter extracção, por serem falsificados. E o prejuizo não é dos individuos, é da nação.

Em outro numero, continuaremos.

ESTADO DO PAIZ.

Diz o *Brasil*, que em uma resposta ao *Nacional*, figuramos o estado do paiz senão muito favoravel, ao menos quasi normal e prospéro; entretanto que estamos muito longe disso. Cuidamos que o contemporaneo se enganou com nossas palavras, e bem sentimos ter escripto por tal modo, que dessemos lugar a tal intelligencia. Por muitas vezes temos dito: o estado do paiz nem é tal, que nos deva encher de prazer, nem tambem o consideramos totalmente desanimador. O que dissemos no artigo, a que se refere o contemporaneo é, que estavamos hoje melhor do que ha dois annos, do que ha um anno. Será isto visão?

As provinciaes (menos o Rio Grande) estão em socego: os rebeldes do Rio Grande estão dispersos, e não se atrevem não só a encarar nossas forças, mas nem a dormir duas noites seguidas no mesmo lugar; tal é o terror, que lhes infundem nossas armas. Pelo lado financeiro o corpo legislativo creou alguns impostos, com que deve desaparecer parte do deficit. Será isto peor estado, que o do anno passado, quando os rebeldes do Rio Grande corriam livres, mais de quatro quintos da provincia, quando S. Paulo e Minas ardiem em guerra civil, quando nosso deficit era igual á metade de nossa receita?

Daqui ao E tado normal vai muito: temos ali um can- cro, que nos rõe, e a que será preciso prompto remedio, sob pena de irmos em breve parar á sepultura: é a admi- nistração da justiça criminal: por vezes nesta mesma fo- lha temos tratado della, e mostrado o seu, quanto a nós, pessimo estado: mas era melhor ha quatro, ha dous, ha um anno?

Porem, diz o contemporaneo, os rebeldes, apezar de vencidos em Santa Luzia, agitam-se: por toda a parte a imprensa grita com desordenado furor. Reconhecemos isso: mas primeiro que tudo não acreditamos, que esses gritos indiquem verdadeira força. Aqui temos na cõrte o *Pharol* e o *Nacional* a gritar pelas tripas de judas: a dar-lhes credito, o ministerio já não tem um só amigo: odio de morte lhe votam todos. Vamos a vêr o que vale isto. Morre um senador por esta provincia: trata-se de o substituir: nem o *Pharol* nem o *Nacional*, nem ambos juntos tem um candidato para apr-sentar, nem ao menos uma palavra para discutir os merecimentos dos candida- tos apontados, para contestar a eleição de dous ministros, para quem seus amigos pedem votos. Pois se é tanto o seu poder, como não o mostram?

Mas ha muito legalista descontente, diz o contempo- raneo. Talvez: talvez não sejam tantos como elle pensa; talvez sejam mais: porem o que não receamos é, que es- ses legalistas, que o anno passado combateram com as armas na mão contra os fidelissimos, este anno estejam promptos a combater por elles. A causa por que se de- bateu em S. Paulo e Minas não foi a causa dos ministros; e tanto que os ministros em quanto vencedores logo de- pois deixaram o poder; foi a causa da monarchia. Foi pe- la monarchia, que combatemos contra a anarchia: e esses homens já se esqueceram disso? Por que um ministro ou um presidente não satisfex as suas exigencias, que aliás suppomos justas, por que esses homens se mostram por isso sentidos, já os devemos crêr nas fileiras dos anarchistas, fazendo choro e corpo com o Ottoni, padre Ma- rinho, José Pedro, e outros?

Neste ponto divergimos do collega. Talvez vamos illu- dido; mas entendemos que a nossa causa é de principios e não de pessoas: mudem-se os ministerios quantas ve- zes quizerem: deixem-nos a monarchia e a constituição: que nos importa o resto? Se ha presidente ou ministro, que excite descontentamentos, mude-se: mas os descon- tentamentos não passam dos individuos, não atacam os principios, por que os principios não podem descontentar a alguém, menos aquelles cujos interesses contrariam: mas de certo não são esses, os que com nosco combate- ram na Venda Grande, ou em Santa Luzia.

E se o paiz está de tal modo, que cada qual vira de bandeira conforme os ministros os attendem em suas pre- tenções; se quando alguém faz um requerimento ao po- der, deve logo ser despachado, aliás vai immediatamen- te para as fileiras dos inimigos do paiz; se por um des- gosto soffrido cada qual assim procede: então — salve- se quem poder — fuja — fuja todos: — é o nos- so unico recurso. Então não nos cansemos: demos tudo por acabado; cada qual procure obter a sua parte dos despojos, e procure acautelar-se para que amanhã lh'os não venham tirar.

A doutrina do collega será verdadeira, porem é muito desanimadora. Será verdadeira, porem permita-nos, que lhe digamos, não acreditamos: fazemos outro juizo dos campeões da monarchia no Brasil. Por ora ainda só ve-

mos de um lado a monarchia, d'outro a demagogia e o delirio: suppomos no paiz conhecimento instante para saber, que lado deve seguir. Nem isto é dizer, que nos deitamos a dormir: o leito não é de rosas.

OS LEITORES DO -- PHAROL.

Dissemos ha tempo, que o fim do contemporaneo, pu- blicando artigos violentissimos contra todos, e contra tudo, era dar escandalo para obter leitores; e que em parte esse desejo havia sido realisado, pois a sua publicação, que até ahí havia sido anomala, passou a ser regular, o que indicava que o contemporaneo contava com recursos. Fomos então contestado; mas agora ahí está elle mesmo, o proprio *Pharol*, confessando aquillo mesmo, que en- tão negou. — Temos executado o nosso projecto (é elle quem falla) em sacrificio mesmo dos interesses do fo- lha, e da causa, que defendemos, por que hoje o *Pha- rol* pela excessiva moderação, com que é redigido *tem perdido uma parte de seus leitores*. — Mas engana-se o contemporaneo na causa a que attribue a diminuição de seus leitores: virulencia tem elle ainda demasiada: se não tem leitores é por que o escandalo deixou de ser novidade, e por consequencia de achar curiosos. O *Pha- rol* não é inoffensivo pelo estylo, é inoffensivo pela natu- reza das doutrinas, que prega.

E o que quer dizer uma folha politica da opposição inof- fensiva? uma folha politica é ou offensiva ou defensiva, ou ambas as cousas a um tempo; aliás não é cousa nem-uma.

INOFFENSIVIDADE.

Diz o contemporaneo do *Pharol* que é inoffensivo; não ha duvida: para que offendesse seria preciso que alguém o acreditasse. O *Pharol* é inoffensivo quando esculmnia o Sr. João Caldas Vianna, ou o Sr. Azevedo, assim co- mo quando ameaça os bachareis com a classe militar. Mas em ambos os casos é criminoso; por que é crime calumniar, e é crime provocar a anarchia.

IRLANDA.

O governo inglez prohibiu uma reunião, que deviam fazer os revogadores da união. O'Connell apressou-se em ordenar, que o governo fosse obedecido. Suppomos, que este O'Connell é um homem de juizo: conhece a impos- sibilidade de realisar os seus planos, mas quer fazer um papel brilhante. E se o seu juizo é tanto, que só quer ganhar a sua causa pelo desenvolvimento da opinião pu- blica nos tres reinos, então affirmamos, que é homem unico; e estatuas lhe devem ser levantadas em todos os cantos do mundo.

HESPANHA.

Continua a guerra civil sem esperanza de fim proximo. Depois da guerra com a França, a guerra civil entre absolutistas e constitucionses; depois desta guerra entre Carlistas e Christinos; depois desta a guerra entre os Christinos e Esparteros; depois desta a guerra para es- pulsar Espartero; depois desta a actual. Tudo isto em nossa vida, que não somos velho! misera Hespanha!

JUSTIÇA SEMPRE.

Pelas averiguações, que temos procedido, pode- mos asseverar ao publico, que o official, que se disse ter sido preso em Montevideo, vai ser cha- mado á cõrte; terá de entrar em conselho de guer- ra, e muito favor lhe furão se se contentarem com lhe tirar a farda. Sirvam estas poucas palavras de informação ao publico, e de resposta aos exagera- dores de ambos os lados.